



O Ecoturismo, o Meio Ambiente e o Parque Estadual da Serra dos Pirineus na percepção dos visitantes e moradores de Pirenópolis (GO)

Ecotourism, Environment and the Sierra State Park of the Pirineus in the perception of visitors and residents of Pirenópolis (GO, Brazil)

*Raquel Gonçalves de Sousa, Victor Hugo Almeida Nunes,
Mirley Luciene dos Santos*

RESUMO

Pirenópolis é uma cidade histórica, de grande potencial turístico no estado de Goiás, e que se encontra localizada na base da Serra dos Pirineus. Na região existe uma unidade de conservação de proteção integral com grande diversidade de fauna e flora, típicas do Cerrado, o Parque Estadual da Serra dos Pirineus (PESP). Considerando que toda forma de turismo compreende dois polos de interesse, o do turista que se desloca para certo local, que não o de seu trabalho ou residência, e o do morador receptor (PEREIRA, 2003), objetivou-se avaliar a percepção ambiental e ecoturística dos visitantes do PESP e dos moradores do município de Pirenópolis, bem como levantar o perfil destes visitantes. Para tanto, foram utilizados questionários previamente estruturados. Os dados foram tabulados com o auxílio do programa Microsoft Office Excel® e analisados com base nas frequências e nos resultados de teste estatístico não paramétrico. A região apresenta um grande potencial ecoturístico devido à comprovada preocupação por parte dos visitantes com relação à conservação ambiental e ao seu papel de turista. No âmbito dos moradores, estes se sentem valorizados, respeitados e envolvidos com as atividades ecoturísticas. Porém, este potencial é pouco explorado visto que o Parque carece de atividades voltadas para a interpretação e a Educação Ambiental, por meio das quais se difunda os preceitos do ecoturismo, inserindo os indivíduos para que se sintam parte do meio ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: Ecoturismo; Percepção Ambiental; Unidades de Conservação.

ABSTRACT

Pirenópolis is a historic town in the state of Goiás, Brazil, with great tourism potential. It is located at the base of "Serra dos Pirineus", an area that encompasses the Pirineus State Park, a fully protected conservation area, due to its large diversity of fauna and flora typical of the "Cerrado". Whereas all forms of tourism comprises two poles of interest, the tourist who goes to certain place, than not your work or residence, and the resident receiver (PEREIRA, 2003) aimed to evaluate the environmental and ecotourism perception of the visitors of PESP and the residents of the city of Pirenópolis as well as detect the profile of these visitors. A questionnaire was elaborated with data tabulated in the Microsoft Office Excel program and the analysis was based on the frequency and result of the non-parametric statistic test. The region has great potential ecotourism due to concern proven from visitors regarding environmental conservation and its role as a tourist. Regarding the residents, they feel valued, respected and involved with ecotourism activities. However, this potential it is not explored because the Park needs to develop activities of environmental education, whereby will spread ecotourism precepts by inserting the individuals, to make them feel part of the environment.

KEYWORDS: Ecotourism; Environmental Perception; Protected Areas.

Introdução

A atividade turística consiste em um tipo específico de deslocamento praticado pelo viajante, denominado turista. Assim, existem diferentes tipologias de viajantes e o que os diferenciam entre si são características como o objetivo da viagem, o tempo de permanência fora de casa e o estado de espírito (SOBRINHO, 2008). Considerando o objetivo da viagem, tem se expandido desde a década de 1980, a atividade turística em que os aspectos naturais e paisagísticos constituem-se no principal atrativo para o turista, onde o mesmo tem a oportunidade de conhecer e apreciar a natureza (MALTA; COSTA, 2009).

Vários seguimentos do turismo oferecem suas atividades na natureza, como é o caso do turismo de aventura, turismo rural, entre outros. No entanto, quando estabelecidos alguns condicionantes, tais como: educação ambiental, participação das comunidades locais, mínimo impacto, sustentabilidade, esse turismo na natureza passa a ser considerado Ecoturismo (PIRES, 1998).

Na literatura, diversas definições foram encontradas para conceituar Ecoturismo, havendo em comum entre elas alguns dos condicionantes sugeridos por Pires (1998). Isso porque, segundo Neiman *et al.* (2010), a maioria dos conceitos de Ecoturismo tem por base três elementos: a garantia da conservação ambiental, a Educação Ambiental e os benefícios às comunidades receptoras.

Pode-se dizer que o Ecoturismo é atrativo ao ser humano por oferecer um contato mais íntimo com o ambiente menos antropizado. Assim, nesse seguimento, a sustentabilidade é um ponto que se apresenta como essencial, pois sem ela, o Ecoturismo se torna explorador de todos os

recursos do ambiente, o qual, quando degradado, torna-se exatamente o problema que o Ecoturismo busca combater (SONAGLIO, 2006).

Desse modo, embora possa se apresentar como uma alternativa de desenvolvimento local, o Ecoturismo mal planejado, passa a gerar impactos negativos nos ambientes onde a atividade turística ocorre. Os aspectos negativos do Ecoturismo já foram detectados em estudos desenvolvidos até mesmo em locais que têm entre os seus objetivos, o desenvolvimento ordenado do Ecoturismo, como é o caso das Unidades de Conservação (UCs). Conforme Spinola (2005, p. 404):

A despeito do que se costuma acreditar, a popularização do ecoturismo, na forma pela qual ele tem sido explorado, não tem conduzido ao ecodesenvolvimento, na medida em que se espera e, partindo para a prática e para a operacionalização da atividade o que se pode perceber é que o termo tornou-se um rótulo, utilizado para promover as mais diferentes práticas turísticas no meio natural que, na maioria das vezes, não guardam um compromisso tão rígido com o seu verdadeiro significado.

Atualmente os principais destinos ecoturísticos têm sido as Unidades de Conservação (UCs), que no Brasil mantêm uma relação íntima com o Ecoturismo por serem áreas especialmente protegidas, destinadas primordialmente à conservação da natureza e ao uso sustentável dos recursos naturais (PINTO *et al.*, 2008). A atividade turística em UCs, quando regulamentada e devidamente controlada, oferece um dos usos econômicos menos prejudiciais, funcionando como uma ferramenta que contribui para assegurar a proteção destas áreas (VAZ, 2010). Além disso, a fim de manter a qualidade do turismo, é necessário que as atividades sejam pensadas, articuladas e sentidas na sociedade e de forma inclusiva, estimulem os residentes e turistas nos âmbitos ambiental, humano, social e cultural (RODRIGUES; AMARANTE-JUNIOR, 2009).

Os visitantes de UCs podem ser ainda, valiosos aliados para a administração destas áreas, tanto para apoiar a mesma nos seus esforços para a conservação como, indiretamente, pelo aumento da renda das populações locais (CAMPOS e FILETTO, 2011). É neste sentido, que Niefer (2002) chama a atenção dos administradores de UCs para *“conhecer as características dos seus visitantes, tanto para elaborar estratégias de manejo como para tornar satisfatória a experiência turística”*.

É nesse contexto, que os estudos da percepção ambiental podem nos auxiliar a entender os valores, necessidades, julgamentos, atitudes e expectativas que determinados grupos têm em relação a uma dada paisagem de alguma forma vivida por eles (TERAMUSSI, 2008). Segundo Faggionato (2002, p. 1), *“cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente frente às ações sobre o meio. As respostas ou manifestações são, portanto, resultado das percepções, dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada indivíduo”*. Assim, os estudos de percepção ambiental podem colaborar com a proposição de medidas que

visem à qualidade ambiental e à integração das pessoas com o meio (TERAMUSSI, *op. cit.*).

As concepções acerca das relações existentes entre as sociedades humanas e o meio ambiente podem ser reunidas, segundo Reigota (1991), em três categorias: a naturalista, na qual o meio ambiente é tido como sinônimo de natureza intocada, e onde se evidenciam somente os aspectos naturais; a antropocêntrica, voltada para a utilização dos recursos em função das necessidades do ser humano, e a globalizante, em que existem relações recíprocas entre natureza e sociedade. Essas relações, natureza-sociedades, tem representado um foco prioritário para a reflexão acadêmica (IRVING, 2006), e tem motivado a realização de diversos estudos que objetivam a compreensão destas relações na interface entre a conservação da biodiversidade e os aspectos e particularidades do turismo em áreas naturais protegidas (SIMIQUELI, 2008), como é o caso do presente estudo.

Assim, o objetivo foi entender como ocorre o turismo no Parque Estadual da Serra dos Pirineus, bem como levantar o perfil dos visitantes e a percepção ambiental dos mesmos. Por fim, considerando que toda forma de turismo compreende dois pólos de interesse, o do turista que se desloca para certo local, que não o de seu trabalho ou residência, e o do morador receptor (PEREIRA, 2003), objetivou-se também avaliar a percepção dos moradores do município de Pirenópolis sobre a importância do Parque e dos ecoturistas para a conservação ambiental e o desenvolvimento local.

Material e Métodos

Área do estudo

Pirenópolis é uma cidade histórica que nasceu de um pequeno arraial minerador no início do século XVIII e cresceu na base da Serra dos Pirineus. Distante 150km da capital federal, Brasília e 120km da capital do estado de Goiás, Goiânia (Figura 1), a cidade conta com uma diversificada rede de hotéis, pousadas, camping e restaurantes. Devido a uma série de aspectos sociais e histórico-culturais em 1990, a cidade foi tombada como conjunto arquitetônico, urbanístico, paisagístico e histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2013). Segundo Pereira (2003), desde o final da década de 1980, o turismo no município de Pirenópolis tem crescido consideravelmente, o que vem acompanhado de uma preocupação, frequente em nossos dias, porém com poucas soluções, que é a conciliação do uso do ambiente com a conservação do mesmo.

A atividade turística em Pirenópolis abrange três modalidades de turismo: turismo rural, turismo urbano e turismo natural (BATISTA, 2013). Isso se refere, respectivamente, à presença de hotéis fazenda; ao patrimônio histórico-cultural; e ao patrimônio natural, representado pelas paisagens de relevo acidentado, coberto por remanescentes de Cerrado, e com ocorrência de inúmeras cachoeiras e corredeiras.



Figura 1: Mapa do município de Pirenópolis com relação à sua localização no estado de Goiás. **Fonte:** Godinho *et al.* (2011).

Figure 1: Map of Pirenópolis's city with relation the your location in the Goiás's state. **Source:** Godinho *et al.* (2011).

Na região existe uma Unidade de Conservação de proteção integral, o Parque Estadual da Serra dos Pirineus – PESP, situado no topo da Serra dos Pirineus e que abrange áreas de três municípios goianos, Pirenópolis, Cocalzinho de Goiás e Corumbá de Goiás. O PESP apresenta extensão de 2833,26 ha e está localizado entre os paralelos 45°46'S e 15°50'S e longitudes de 48°48'W e 48°53'W, sendo a flora e a fauna características do bioma Cerrado (SANTOS, 2003). O Parque, criado em 1987, é gerido pela Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Estado de Goiás (SEMARH-GO), em conjunto com a Agência Goiana de Meio Ambiente e do Sistema Estadual de Unidades de Conservação (SEUC), e tem como objetivo preservar a fauna, a flora e os mananciais ali existentes, protegendo sítios naturais de excepcional beleza e assegurando condições de bem-estar público (GODINHO, 2012).

O PESP, embora se apresente como um dos pontos turísticos de importância na região, carece de infraestrutura física para o atendimento e orientação aos visitantes, sendo livre a entrada no Parque. O principal ponto de visitação é o Pico dos Pirineus, segundo maciço mais alto do Estado de Goiás, com 1.380 metros de altitude (Figura 2). No entanto, o principal destino dos turistas são áreas de propriedade privada situadas no entorno do Parque, onde estão localizadas várias cachoeiras e alguma infraestrutura como lanchonetes, restaurantes e apoio para esportes radicais e de aventura. O acesso a essas áreas se dá pelo pagamento de taxas pelos turistas.



Figura 2: Foto do “pico dos Pirineus” e do “morro do cabeludo”, pontos de visitação do Parque Estadual da Serra dos Pirineus. Fotografias de Victor Hugo Almeida Nunes.

Figure 2: Photo of the “ Pirineus’s peak” and of the “ long hair’s hill”, visitation’s points of the State park of the Pirineus. Photos of the Victor Hugo Almeida Nunes.

A proteção do Parque Estadual da Serra dos Pirineus e de seu entorno foi incrementada no ano de 2000, com o estabelecimento da Área de Proteção Ambiental dos Pirineus (APA Pirineus), com 22.500 hectares (BRASIL, 2000 – Art 1, Decreto nº 5174/00) (Figura 3).

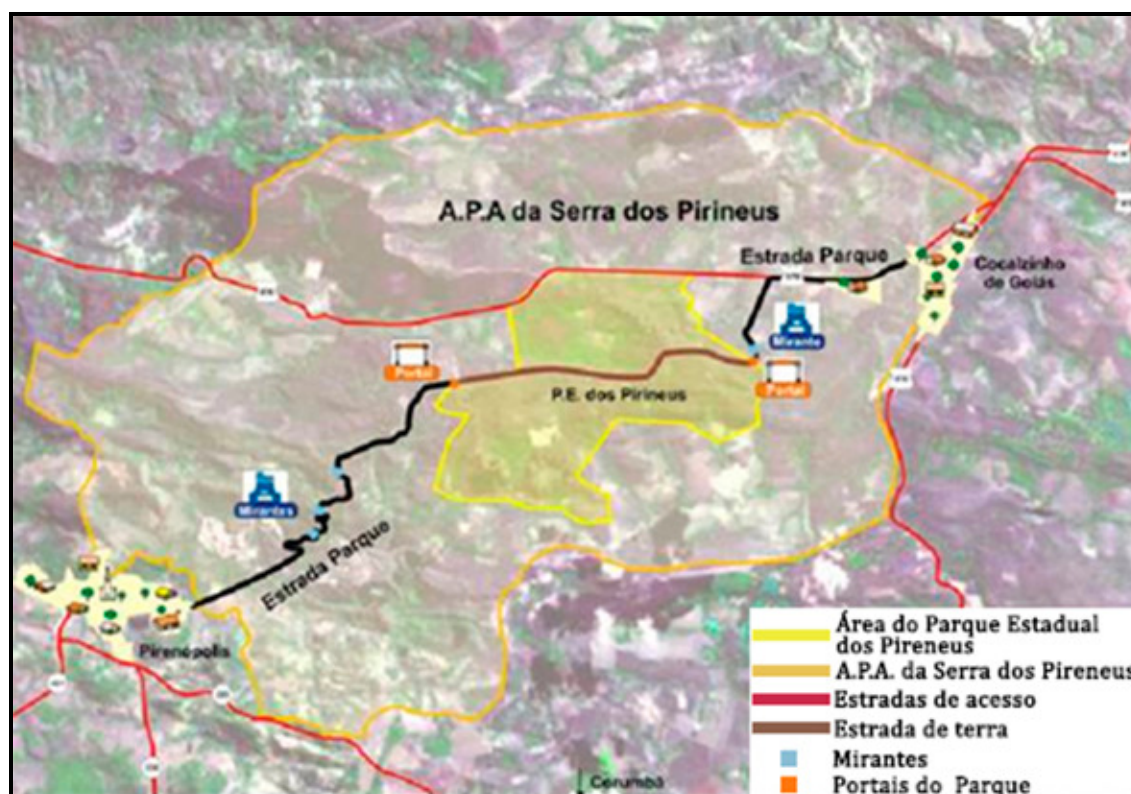


Figura 3: Cartograma mostrando os acessos leste e oeste da Estrada Parque que corta o Parque Estadual da Serra dos Pirineus. **Fonte:** AGETOP (2005) adaptado por Victor Hugo Almeida Nunes.

Figure 3: Cartogram of the street Park, showing the access to east and west.
Source: AGETOP (2005) adapted by Victor Hugo Almeida Nunes.

Metodologia

Para a coleta dos dados foram utilizadas entrevistas estruturadas, onde os pesquisadores faziam as perguntas e anotavam as respostas e o registro *in loco* das informações pertinentes às características ambientais do PESP. Dois roteiros foram elaborados, sendo um para os moradores de Pirenópolis e outro para os visitantes do PESP com 16 questões cada. Os roteiros apresentavam perguntas fechadas, associadas a um conjunto de alternativas, e perguntas abertas, todas relacionadas ao perfil socioeconômico e a variáveis que expressavam as percepções dos entrevistados sobre o PESP, o ecoturismo e as questões ambientais. O tipo de amostra utilizada foi a “não probabilística por conveniência” (ou acidental), onde o elemento pesquisado é selecionado por estar disponível no local e no momento em que a pesquisa estava sendo realizada (MATTAR, 1997).

A principal dificuldade encontrada na realização das entrevistas foi a localização dos visitantes do PESP, já que os mesmos ficam dispersos na área do Parque e de sua vizinhança. O PESP não conta com um centro de recepção que favoreça o encontro de visitantes em um mesmo local. Buscou-se ainda diversificar a amostra entrevistando somente um turista por grupo (mesma família, grupos de amigos, etc). No decorrer das entrevistas os pesquisadores esclareceram aos entrevistados que algumas perguntas do questionário diziam respeito a um tipo específico de turismo, o ecoturismo, porém não explicaram o conceito, deixando o entrevistado responder conforme o seu conhecimento.

Para o melhor entendimento das concepções dos entrevistados sobre o meio ambiente, elaborou-se a seguinte pergunta:

1. Qual dessas afirmações explica melhor o que você entende por meio ambiente?

- ☐ Tudo que cerca os seres vivos que tenha ação direta ou indireta sobre eles.
- ☐ Algo que para nossa sobrevivência deve ser preservado.
- ☐ É a natureza com suas floretas, cachoeiras, animais, plantas convivendo em harmonia e equilíbrio.

A elaboração desta questão teve por base as categorias estabelecidas por Reigota (1991): a naturalista, a antropocêntrica e a globalizante. Assim, o entrevistado escolhia a definição que melhor explicava o seu entendimento sobre o meio ambiente, e as respostas foram tabuladas segundo essas concepções.

A tabulação dos dados ocorreu com o auxílio do programa Microsoft Office Excel®, com a construção de uma planilha de frequência de respostas e análise estatística para alguns dos dados, utilizando-se o teste de independência χ^2 . O programa estatístico utilizado foi o R (R DEVELOPMENT CORE TEAM, 2007).

Resultados e Discussão

Ao todo foram realizadas 186 entrevistas, sendo 107 com os moradores do município de Pirenópolis - GO e 79 com os turistas em visita ao PESP. Para melhor apresentação dos dados, os resultados foram organizados em tópicos, a saber: o perfil dos entrevistados, a percepção sobre o PESP, sobre o ecoturismo e sobre as concepções de meio ambiente.

Perfil socioeconômico dos entrevistados

Conforme os dados levantados dos visitantes do PESP, observou-se pequena predominância do gênero masculino (59%), sendo, a maioria, adultos (84%). Segundo Wight (1996, *apud* DUTRA *et al.*, 2008), existe a tendência que os futuros mercados de Ecoturismo terão uma participação igual dos gêneros.

A escolaridade predominante dos visitantes foi o ensino superior (53%), seguido do ensino médio (25%), resultado semelhante aos encontrados por Ladeira *et al.* (2007), Andretta *et al.* (2008), Dutra *et al.* (2008), Simiqueli (2008) e Campos e Filetto (2011) em estudos desenvolvidos com visitantes em áreas naturais e UCs. Portanto, é possível afirmar que os ecoturistas, de modo geral, apresentam um bom nível de escolaridade, e são, segundo Barros e Dines (2000), mais receptivos e conscientes das necessidades de conservação ambiental e das atratividades ecoturísticas, podendo apresentar, quando orientados, alto grau de comprometimento para a conservação destes locais.

A maior parte dos entrevistados disse trabalhar (70%) e relatou ganhar de dois a seis salários mínimos (44%). Campos e Filetto (Op. Cit.) também encontraram resultado semelhante para os visitantes da Serra do Cipó (MG), dos quais 47%, disseram ganhar até R\$2000,00 mensais, e 22% ganharem entre R\$2000,00 e R\$4000,00. Ruschmann (2002) cita que os ecoturistas brasileiros possuem renda média superior a R\$3000,00 mensais. Conforme Ladeira *et al.* (2007, p. 1096):

Apesar de a situação socioeconômica não determinar a eficácia do processo de acordo com os princípios de educação ambiental, porém esse fato pode contribuir, e muito, para que um programa de educação do visitante seja bem recebido e aceito pelo público, pois as pessoas que visitam o parque já possuem uma bagagem educacional que as ajuda a compreender a importância das atividades e ações de todos nas áreas naturais.

Com base no questionamento sobre “a cidade onde reside” constatou-se que a maioria dos turistas mora em municípios do estado de Goiás (49%), sendo representativo o percentual de turistas residentes em Brasília - DF (38%). Segundo Silva e Silva (2008b, p. 2), “os atrativos naturais e os demais eventos combinados com a pequena distância que separa Brasília

do município de Pirenópolis favorecem a presença de um importante contingente de turistas na localidade”.

Já quanto ao perfil socioeconômico dos moradores do município de Pirenópolis, a maioria dos entrevistados nasceu em Pirenópolis (64%), sendo os questionários respondidos paritariamente por homens (52%) e mulheres (48%). Houve um predomínio de adultos (65%) e a escolaridade mais frequente foi o ensino fundamental (46%), seguido do ensino médio (40%), na maioria, incompleto (64%). Esse resultado está de acordo com o obtido por Sobrinho (2008, p. 132), o qual constatou que em Pirenópolis “os moradores acima de 25 anos de idade tem uma média de 4,6 anos de estudo, o que indica população com baixo índice de educação formal ou alguma formação técnica”.

Com relação à ocupação, 66% dos entrevistados afirmaram que trabalham e a renda da maioria (76%) é de até dois salários mínimos. Esse percentual de moradores com emprego é compatível com o percentual de adultos na pesquisa.

O PESP na percepção dos entrevistados

Segundo os moradores, o veículo de divulgação mais efetivo para a promoção do ecoturismo na cidade é a internet (31%), bem como os próprios turistas (30%). Esse resultado está em conformidade com a forma como os turistas ficaram sabendo do PESP, pois, 38% deles afirmaram que tomaram conhecimento da existência do Parque por meio de outros turistas. Esses resultados demonstram a eficiência da propaganda informal para se conhecer a respeito de um determinado atrativo turístico.

Pouco mais da metade dos moradores entrevistados afirmou ter ciência da existência do PESP (56%), porém, esperava-se um percentual maior, visto que o Parque existe desde 1987, e é de grande importância ecológica para a região, além de funcionar como atrativo turístico. Esse dado reflete a pouca participação social dos moradores, participação essa definida por Loureiro *et al.* (2003, p. 239) como “*um processo social que gera a interação entre diferentes atores sociais na definição do espaço comum e do destino coletivo*”. Assim, segundo Soares *et al.* (2002), dependendo da história da UC, do contexto local, e ainda, das características dos atores sociais (moradores da região, o órgão gestor da UC e os agentes promotores de ações na região), ocorrem ou não relação entre eles. Dos moradores que sabiam da existência da UC, a maioria já a tinha visitado (63%), e consideraram importante a manutenção do mesmo (93%).

No que se refere à frequência de visita, não houve diferença significativa na proporção de turistas que estavam visitando o Parque pela primeira vez (49%) e os que já haviam visitado outras vezes (51%). Os turistas geralmente vão ao Parque acompanhados por amigos (37%) e familiares (38%). Resultado semelhante ao encontrado por Andretta *et al.* (2008), onde a maioria dos visitantes do Complexo da Cachoeira da Fumaça (Carrancas, MG) estavam acompanhados de familiares e/ou amigos, e também por Campos e Filetto (2011) para os visitantes da Serra do Cipó.

As principais motivações dos turistas para visitarem o Parque foram descanso físico e mental (33%), aventura (24%), seguido por novos conhecimentos (13%) e recursos hídricos (13%). Evidenciou-se, portanto, um aspecto psicológico relativo a um almejo por descanso, aberto a conhecimentos novos e disposto a se divertir por meio de aventura. Isso pode ser reflexo da própria localidade onde os turistas residem, com destaque para Brasília – DF, que como toda grande cidade proporciona uma situação de rotina que pode ser causa de estresse emocional. O reflexo disso é o desejo por lugares que proporcionem paz de espírito, assim como a busca por experiências diferentes que gerem satisfação pessoal ao superar desafios. O descanso e a aventura também aparecem como as principais motivações em outros destinos turísticos, como no Parque Estadual do Jalapão, no estado de Tocantins (DUTRA *et al.*, 2008).

No entanto, é preciso cautela ao lidar com a motivação da busca pela aventura, pois, conforme concluíram Silva e Silva (2007, p. 39) em um estudo sobre o Ecoturismo em Pirenópolis:

Os visitantes que usufruem das belas cachoeiras e das elevações existentes no município restringem-se aos passeios e à prática de esportes. Ainda estão presentes nos sonhos dos turistas “desbravar” a natureza para desfrutar das emoções do desconhecido; ainda é necessário, portanto, que a organização humana interfira nessa atividade, com viagens, roteiros, guias para proteger o meio ambiente.

Ainda conforme dados obtidos por Silva e Silva (2007), sobre as demandas turísticas em Pirenópolis, 53% dos entrevistados tinham como motivo da viagem à Pirenópolis os atrativos naturais, seguido de 25% dos atrativos históricos/culturais, e 22 % outros motivos. Segundo Batista (2003 *apud* SILVA; SILVA, 2011, p.374):

O turismo em Pirenópolis inicialmente estava assentado na exploração do patrimônio histórico-arquitetônico, que remonta ao período da mineração aurífera no século XVIII, posteriormente os atrativos naturais, representados pelas formações rochosas existentes em suas serras, as belas cachoeiras, a biodiversidade do cerrado e o turismo rural ganharam espaço e destaque no contexto econômico local.

Apesar de 59% dos turistas não observarem impactos negativos do turismo no Parque, os 45% restantes conseguiram relacionar esses impactos principalmente à existência de problemas como: lixo (29%), vandalismo (25%), erosão nas trilhas (13%) e queimadas (12%). No que se refere à questão do lixo, o resultado dessa pesquisa se mostrou contrário ao do estudo realizado com turistas do Parque Ibitiboca (MG), no qual se concluiu que mesmo sem lixeiras ao longo das trilhas e nos atrativos, os visitantes carregavam o lixo até a lanchonete, área administrativa ou centro de visitantes e depositavam nas lixeiras (SIMIQUELI, 2008).

O vandalismo no Parque também foi perceptível durante as visitas *in loco* dos pesquisadores, os quais efetuaram registros fotográficos dos sinais de depredação nas áreas de visitação, relacionados principalmente à pichação (Figura 4).



Figura 4: Registro fotográfico da pichação praticada por vândalos na área do Parque Estadual da Serra dos Pirineus, GO. Fotografias de Victor Hugo Almeida Nunes.

Figure 4: Photographic record of the graffiti made for vandals on area of the State Park of the Pireneus. Photos by Victor Hugo Almeida Nunes.

A presença desses impactos no PESP é decorrente de uma falta de orientação e fiscalização adequada, visto que o Parque não conta com um centro de recepção, onde poderia de início, acontecer um momento educativo, orientando os turistas sobre a postura adequada durante a visita. Além disso, placas educativas ao longo das trilhas e pontos de visitação são escassas ou mesmo inexistentes.

O estado de conservação do Parque varia, segundo os turistas entrevistados, de regular (37%) a bom (43%). Isso pode ser justificado pela natureza exuberante do Parque com várias formações típicas do Cerrado e também pelo fato de existirem poucas áreas construídas, o que indica uma baixa interferência no sentido artificial e boa conservação dos aspectos naturais.

Segundo Kinker (2002, *apud* SIMIQUELI, 2008, p. 8):

Quanto menos estruturas construídas houver em um parque, mais facilmente os objetivos de mínimo impacto e conservação serão alcançados, pois a maior parte da infraestrutura de que o turista necessita pode e deve estar localizada nas comunidades do entorno, estimulando assim seu desenvolvimento.

Os turistas consideram que a responsabilidade de conservar o Parque em primeira instância é dos órgãos do governo (26%) e turistas (25%), seguido da comunidade (20%) e do gestor do Parque (19%). Esses percentuais apontam para uma preocupação por parte dos visitantes com relação à conservação e ao seu papel de turista, enquanto inserido em uma área natural protegida. Essa consciência dos turistas, de sua responsabilidade de conservar, deve ser aproveitada, pois facilita o processo de implantação e desenvolvimento de projetos educativos. Simiqueli (2008) também obteve resultados parecidos e afirma que o fato de grande parte dos entrevistados acreditarem no papel do órgão do governo é decorrente de um vínculo, ainda existente, entre a concepção da conservação e os preceitos e valores institucionalizados.

Os turistas, em suma, não participaram de atividades de Educação Ambiental (EA) durante sua visita (89%). Portanto, apesar do grande potencial educativo apresentado pelo Parque, devido a seus atrativos naturais e a presença de visitantes dispostos a adquirir novos conhecimentos, o PESP não conta com programas de EA. Para Loureiro e Cunha (2008), deve existir nos Parques, projetos de EA funcionando como instrumento para disponibilização de informações qualificadas e atualizadas, compartilhando percepções e compreensões, ampliando capacidades de diálogos e de atuações conjuntas comprometidas com os objetivos estabelecidos no próprio plano de manejo das UCs. Dessa forma, o PESP cumpriria o que foi determinado pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), o qual estabelece entre os objetivos básicos dos Parques "(...) o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico" (BRASIL, 2000 – Art. 11, Lei nº 9.985/00).

Segundo Godinho *et al.* (2011) em estudo realizado sobre a geomorfologia e o turismo em Pirenópolis, embora o município já apresente um fluxo relativamente grande de visitantes, os inúmeros atrativos potenciais, ligados às paisagens naturais, são pouco divulgados ou mesmo ignorados pela atividade turística. Os autores ressaltam, ainda, a inexistência de atividades pautadas pela agregação de valores interpretativos às visitas nos lugares turísticos.

[...] não há qualquer tipo de aprendizado, por parte do turista, durante a fruição dos atrativos turísticos de Pirenópolis, muito embora suas paisagens naturais, ricas em mirantes, cachoeiras e corredeiras em meio à vegetação preservada, sejam exemplos claros das possibilidades de práticas educativas associadas à atividade turística (GODINHO *et al.*, 2011, p. 74).

Essa observação dos autores supracitados se estende também ao que acontece no PESP, já que a maioria das visitas ocorre de forma desordenada, esvaziada de uma ação educativa e sem nenhum planejamento, no sentido de prevenir a ocorrência de danos ambientais. Embora tenha sido relatada a atuação de guias turísticos na região (MELO, 2003), foram raras as entrevistas em que os visitantes estavam acompanhados por um guia, o que reforça a falta do planejamento do turismo na área, sendo que a prática turística da forma como se dá apresenta riscos para a conservação do Parque. Essa realidade também foi encontrada por Dutra *et al.* (2008) no Parque Estadual do Jalapão e entorno, caracterizando o chamado “turismo individual”, que ocorre sem a intervenção de guias ou agências de turismo (BARRETO, 1995), e que sinaliza para que “possíveis ações educativas tenham que ser desenvolvidas diretamente com os usuários dos atrativos, já que os mesmos não entram em contato com profissionais capacitados para fornecer orientações sobre o destino” (DUTRA *et al.*, 2008, p.110).

O conceito de Ecoturismo foi investigado com base na justificativa dada pelo visitante para o fato de se considerar ou não ecoturista. Os que afirmaram serem ecoturistas justificaram que são por gostarem do contato com o natural e por apresentarem uma consciência ecológica, enquanto os que não se consideram ecoturistas justificaram que não são por frequentarem pouco os ambientes naturais ou porque objetivam somente o esporte (Tabela 1).

TABELA 1: Categorização das justificativas dos turistas do Parque Estadual da Serra dos Pirineus (GO), relativo a pergunta; Você se considera um ecoturista? Por quê?

TABLE 1: Categorization of justifications of the visitants State Park of Pirineus, about the question; You if consider a ecotourist? Why?

Ecoturista Não(32%),		porque...	Ecoturista Sim(68%),		porque...
Percentual	Categoria		Percentual	Categoria	
40%	Frequenta pouco ambientes naturais		57%	Gosta do contato com a Natureza	
36%	Não justificaram		32%	Tem consciência ecológica e por isso preserva	
12%	Objetivam somente o esporte		9%	Não justificou	
8%	Frequenta muito ambientes naturais		2%	Porque lembra a infância	
4%	Porque o ecoturista além de visitar traz contribuições para o local				

O conceito de Ecoturismo dos entrevistados envolve em primeiro plano, o fato de estarem em contato com a natureza, aliado ao aspecto de ter atitudes positivas em relação a preservação e trazer contribuições ao local. Ainda que não tenha sido apresentada nenhuma explicação aos

entrevistados sobre o conceito de Ecoturismo, percebe-se que a maioria ao se considerar ou não ecoturista levou em consideração apenas o fato do contato com a natureza e ter consciência ambiental. Resultado semelhante ao encontrado por Lemes *et al.* (2014, p.161), que ao analisar a concepção de ecoturismo dos visitantes de um balneário no município de Nobres (MT), constatou que em sua maioria eles relacionam o ecoturismo com o turismo ecológico, a natureza e o desfrutar do lugar sem prejudicar.

Considerando os três elementos citados por Neiman *et al.* (2010) que embasam a conceituação de Ecoturismo: a garantia da conservação ambiental, a Educação Ambiental e os benefícios às comunidades receptoras, conclui-se que a percepção dos visitantes sobre o que seja o Ecoturismo ainda se confunde com o conceito de “turismo na natureza”.

Para que haja verdadeiramente o Ecoturismo, faz-se necessário o planejamento, a gestão, o controle das ações de forma integrada e sistêmica (PEREIRA, 2003). Conforme Freitas *et al.* (2014, p. 401):

Se realizada sem planejamento, a atividade turística tem grandes possibilidades de produzir mais impactos negativos do que positivos. É primordial planejar buscando a sustentabilidade em modelos de gestões de políticas públicas coordenadas e integradas, pois assim aumenta a capacidade socioeconômica, ambiental e cultural da atividade.

O sucesso do Ecoturismo depende deste planejamento e do valor agregado da experiência do ecoturista, o qual irá inteirar-se ao meio natural para que possa se enriquecer com os aspectos culturais e naturais particulares do local visitado (PEREIRA, 2003).

Os moradores de Pirenópolis e a sua percepção do Ecoturismo na região

A opinião dos moradores sobre a qualidade de vida em Pirenópolis se distribuiu principalmente entre boa (41%) e regular (40%), demonstrando certa satisfação em relação ao que a cidade oferece. Esse estado mediano da qualidade de vida foi detectado pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da cidade, o qual, conforme descreve Sobrinho (2008, p. 133) “(...) *apresentou indicador de 0,713, maior que o IDH do Estado de Goiás que é de 0,700. Porém, todos os indicadores do IDH apresentam nível médio de qualidade de vida*”.

Os moradores consideraram o Ecoturismo (45%) a modalidade de turismo mais atrativa para a região, seguida pelo turismo de aventura (23%) e o turismo religioso (11%). Essa proximidade entre o Ecoturismo e o turismo de aventura é reflexo de uma confusão conceitual e prática porque, segundo Rodrigues e Amarante-Junior (2009, p. 148) “(...) *se vende e se compra Ecoturismo, ainda de forma pouco esclarecida sobre as reais bases que o referenciam. E ainda, os próprios operadores e profissionais de*

mercado tratam as práticas de aventura e natureza como uma atividade *ecoturística*". Portanto, é preciso esclarecer que para ser considerado Ecoturismo é necessário que o mesmo esteja relacionado, entre outros aspectos, com a valorização das comunidades locais e da biodiversidade.

A maioria dos moradores entrevistados não percebe impactos ambientais negativos do Ecoturismo na região (69%), o que se confirmou na pergunta seguinte, onde a maioria dos entrevistados respondeu sim (72%), ao ser questionado se percebia impactos positivos do Ecoturismo. Os entrevistados vincularam esses aspectos positivos principalmente à valorização dos lugares naturais da região e ao aumento de sua renda (Figura 5).

Conforme encontrado por Silva *et al.* (2008a, p.6) "*os moradores de Pirenópolis acreditam que o turismo gera empregos e renda tendo assumido importância significativa para a comunidade, uma vez que a cidade ficou mais equipada para oferecer opções de lazer*".

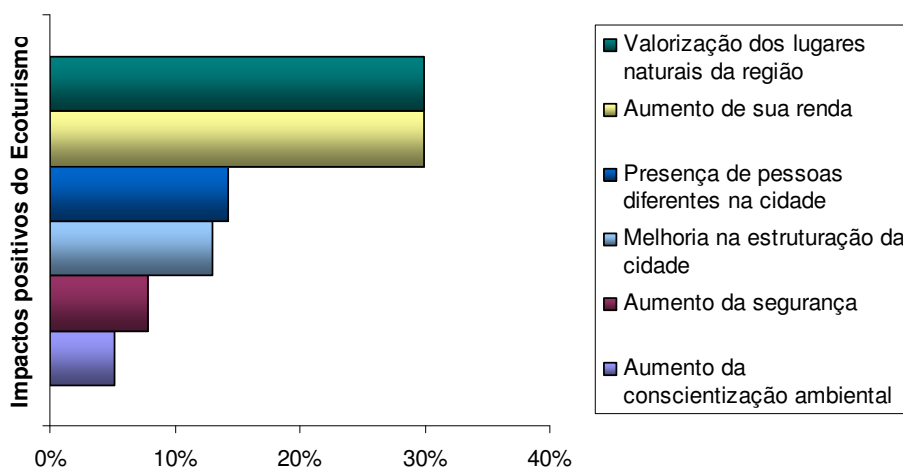


Figura 5: Distribuição do percentual de respostas dos moradores de Pirenópolis, (GO) para os aspectos positivos do Ecoturismo.

Figure 5: Distribution of the percentual of resident's answers of Pirenópolis, (GO).

O aumento da conscientização ambiental foi o aspecto positivo menos citado, contrariando o esperado que era a existência de uma formação da consciência ambiental, devido à presença do Ecoturismo na região. Esse resultado reflete a carência de ações educativas e programas de Educação Ambiental que trabalhem diretamente com essa comunidade e seus turistas.

Para 63% dos moradores, a cidade não sobreviveria sem o Ecoturismo. Portanto, pode-se afirmar que na concepção da maioria dos residentes existe uma relação entre o bom funcionamento da cidade e a presença do turismo, nos seus variados seguimentos, entre os quais o Ecoturismo. Realmente o turismo em Pirenópolis representa uma parcela significativa de sua economia, sendo a terceira fonte de arrecadação do município (SILVA; SILVA, 2007). Dessa forma, embora a extração mineral continue sendo uma importante atividade econômica no município, com o

incremento do Turismo a partir de 1990, a cidade passou a um novo patamar em sua economia com a implantação de empreendimentos voltados para a promoção do bem estar do visitante, gerando empregos e renda na localidade (SOARES; BESSA, 1999).

Em relação ao sentimento do morador com a presença do Ecoturismo na região, a maioria dos moradores se sente valorizada (33%), respeitada (26%) e envolvida (11%) com a atividade ecoturística. O que os moradores sentem em relação ao Ecoturismo é independente do fato deles perceberem ou não impactos negativos ($\chi^2 = 0,0562$, gl = 1, $p > 0,05$) ou positivos ($\chi^2 = 0,3204$, gl = 1, $p > 0,05$) dessa atividade na região.

Esse resultado demonstra uma boa aceitação do turismo (e do Ecoturismo) pelos moradores, os quais, segundo Silva *et al.* (2008a, p.7) *“(...) mesmo tendo o seu cotidiano afetado pela presença dos turistas, declaram gostar da presença destes. O sentimento de aceitação dos moradores [...] se reflete no tratamento que a comunidade dispensa aos visitantes, que é reconhecidamente acolhedor”*.

Diferentemente do apresentado, Pereira (2003, p.36) em estudo realizado sobre o impacto do turismo na identidade local dos Pirenopolinos, concluiu que o termo Ecoturismo não é adequado para definir o tipo de turismo existente em Pirenópolis. Isso porque *“há indicações de que o desenvolvimento do turismo aconteceu de forma desordenada e sem planejamento, não houve a participação dos vários setores envolvidos, e ainda há um sentimento de não inclusão dos moradores no processo de decisão sobre o planejamento turístico”*.

As concepções de Meio Ambiente entre os entrevistados

Com o intuito de diagnosticar a percepção dos entrevistados sobre a temática ambiental, seis perguntas da entrevista diziam respeito a questões tais como interesse pelos assuntos relacionados ao meio ambiente, conceituação e ações no dia a dia que poderiam gerar impactos ao ambiente.

Os visitantes (76%) e os moradores (64%) disseram receber de diferentes fontes (escola, família, amigos, televisão, internet), informações sobre assuntos relacionados ao meio ambiente. O fato dos moradores apresentarem interesse por assuntos relacionados ao meio ambiente independe dele receber ou não informações sobre o mesmo ($\chi^2 = 2,3312$, gl = 1, $p > 0,05$). Esse resultado evidencia uma pré-disposição para a aquisição de conhecimentos relativos a essa temática, a qual pode e deve ser aproveitada na elaboração e implantação de programas de Educação Ambiental.

A concepção de meio ambiente predominante entre visitantes e moradores, segundo as categorias formuladas por Reigota (1991) e adotadas no presente estudo, foi a naturalista (Figura 6).

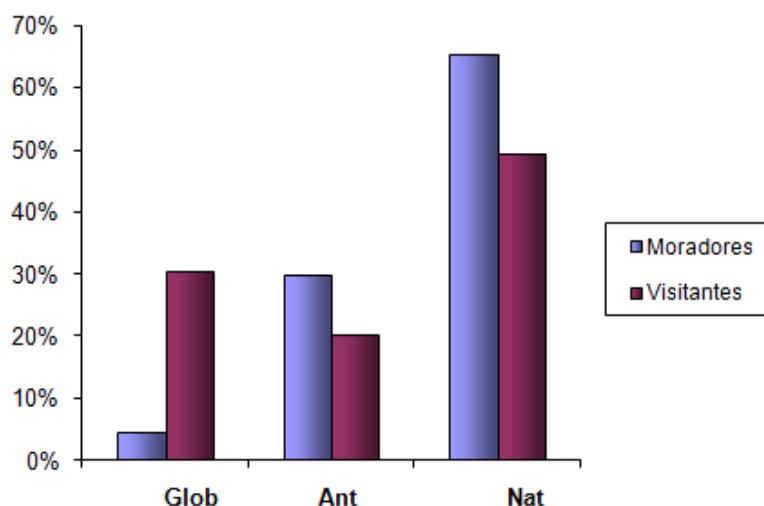


Figura 6: Percentual das concepções de Meio Ambiente dos moradores de Pirenópolis e visitantes do Parque Estadual da Serra dos Pirineus, GO. Glob- Globalizante; Ant- Antropocêntrica; Nat-Naturalista.

Figure 6: Percentual of residents's environment's conceptions of Pirenópolis and visitants of the State Park of the Pirineus, GO. Glob-Holistic; Ant- Anthropocentric; Nat – naturalist.

O percentual de turistas com concepção globalizante, ainda que menor do que a naturalista, apresentou-se relativamente maior que a concepção antropocêntrica, resultado diferente de outros estudos onde a concepção globalizante foi a menos frequente (BEZERRA *et al.*, 2008; REBOLLAR, 2009; SOUSA; SANTOS, 2010;). Para os turistas houve uma dependência entre as variáveis concepção de meio ambiente e escolaridade ($\chi^2 = 18,8849$, gl= 6, $p < 0,05$), evidenciando que o percentual relativamente maior de concepção globalizante comparado a antropocêntrica, pode ser devido a maior escolaridade desse grupo.

Esse aumento da concepção globalizante, em um grupo com maior escolaridade, pode ser consequência de um aumento gradativo da frequência de abordagem dos temas ambientais no sistema formal de ensino. Desde 1997 os Parâmetros Curriculares Nacionais preveem que a Educação Ambiental é um tema transversal e precisa ser trabalhado “de forma contínua e integrada, uma vez que seu estudo remete à *necessidade de se recorrer a conjuntos de conhecimentos relativos a diferentes áreas do saber*”, devido a sua relevância social, cultural e política (BRASIL, 1997, p.29).

Outra justificativa é o fato de turistas em Unidades de Conservação se apresentarem como um público diferenciado, com motivações e expectativas voltadas ao contato e conhecimento de um ambiente natural. De fato, na análise dos dados, obteve-se que existe uma dependência entre a concepção de meio ambiente dos turistas e o fato dele se considerar ou não um ecoturista ($\chi^2 = 6,4657$, gl = 2, $p < 0,05$).

Essa abertura por parte dos turistas deve ser aproveitada para a implantação de atividades educativas como, trilhas interpretativas e

vivências ambientais, pois conforme Macedo *et al.* (2000, p. 5) “*Práticas de interpretação ambiental e programas de Educação Ambiental desenvolvidos conjuntamente com atividades ecoturísticas em Unidades de Conservação podem favorecer estes processos indutores de maior nível de conscientização ambiental*”. Reforçando este fato Carvalho e Vieira (2014-2015, p. 747), em um estudo sobre educação e interpretação ambiental, afirmam que:

Apesar de tardia e ainda pouco eficiente em sua aplicação nas UC brasileiras, a educação ambiental tem sido primordial para o fortalecimento e ampliação dessas áreas, onde comunidades, Estado e governo começam a dialogar sobre seus respectivos interesses e responsabilidades.

Tendo em vista que o conceito de Ecoturismo está intrinsecamente ligado às próprias concepções de meio ambiente pode-se concluir que o desenvolvimento de atividades de educação ambiental nestes locais promove a tomada de consciência e conjuntamente a isso a formação de um verdadeiro ecoturista capaz de se sentir parte do meio.

Considerações Finais

Conclui-se que o turismo no Parque Estadual da Serra dos Pirineus está próximo da categoria denominado Ecoturismo, porque segundo a percepção dos turistas, existe no Parque uma boa conservação do ambiente visitado; os moradores de Pirenópolis se sentem valorizados e envolvidos; além de destacarem entre os impactos positivos do ecoturismo, o aumento de sua renda. Portanto, existe em Pirenópolis um desenvolvimento local decorrente da presença desse tipo de turismo.

Um aspecto relevante que ainda necessita ser trabalhado para a efetiva implantação do ecoturismo na região é a sensibilização para formação de uma conscientização ambiental de moradores e turistas.

O PESP carece de um centro de recepção que envolva ações de orientação dos turistas, no intuito de manter a conservação do parque, além do desenvolvimento de atividades de EA, por meio das quais se possa esclarecer o próprio conceito de ecoturismo, inserindo os indivíduos na natureza de forma a se sentirem pertencentes ao ambiente.

Referências bibliográficas

AGETOP – AGÊNCIA GOIÂNIA DE TRANSPORTES E CARGAS – AGETOP/GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS. **Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) da “Estrada Parque: Acesso Pirenópolis – Parque dos Pirineus e Acesso Cocalzinho de Goiás – Parque dos Pirineus”**. Goiânia: AGETOP, 2005. Disponível em www.pirenopolis.tur.br/arquivo/Relatorio%20EIA.pdf. 308 p.

ANDRETTA, V.; PEREIRA, J.A.A.; MACEDO, R.L.G.; LOPES, F.W.A.; VITORINO, M.R. Impactos ambientais e perfil dos visitantes no Complexo da Cachoeira da Fumaça em Carrancas/MG. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 57-68, 2008.

BARROS. M.I.A.; DINES, M. Mínimo impacto em áreas naturais: uma mudança de atitude. In: SERRANO, C. (Org.). **A educação pelas pedras**: Ecoturismo e Educação Ambiental. São Paulo: Chronos, 2000. p.47-84.

BATISTA, O. Pirenópolis: **Uma paisagem ora vivida, ora contemplada**. In: Maria Geralda de Almeida (Org). *Paradigmas do Turismo*. Goiânia. Editora Alternativa, 2003, p 113-120.

BEZERRA, T.M.O.; FELICIANO, A.L.P.; ALVES, A.G.C. Percepção ambiental de alunos e professores do entorno da Estação Ecológica de Caetés: Região Metropolitana do Recife-PE. **Biotemas**, Florianópolis, v.21, n.1, p.147-160, 2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: Secretaria da Educação Fundamental, 1997. 42 p.

BRASIL. **Lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000**. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC. Brasília, 18 julho 2000.

BRASIL. **Decreto nº 5.174 de 17 de fevereiro de 2000**. Dispõe sobre a criação da Área de Proteção Ambiental dos Pirineus e dá outras providências. Goiânia, 17 fevereiro 2000.

CAMPOS, R.F.; FILETTO, F. Análise do perfil, da percepção ambiental e da qualidade da experiência dos visitantes da Serra do Cipó (MG). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.4, n.1, p.69-94, 2011.

CARVALHO, R.C.O.; VIEIRA, S. Educação e Interpretação Ambiental na RPPN Estação Veracel, Porto Seguro (BA). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.7, n.4, nov2014-jan2015, pp.735-749.

DUTRA, V.C.; SENNA, M.L.G.S.; FERREIRA, M.N.; ADORNO, L.F.M. Caracterização do perfil e da qualidade da experiência dos visitantes no Parque Estadual do Jalapão, Tocantins. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 104-117, 2008.

FAGGIONATO, S. **Percepção ambiental**. Centro de Divulgação Científica e Cultural. 2002. Disponível em <http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt4.html>. Acesso em: 06 julho 2010.

FREITAS, N.R.; SOUZA, P.A.R.; ZAMBRA, E.M.; ROMEIRO, M.C.; PEREIRA, R.S. A. Gestão e a Sustentabilidade na Atividade Turística: uma análise das discussões na última década no Brasil. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.7, n.2, maio/jul 2014, pp.394-411.

GODINHO, R.G.; CRISTOVÃO, C.A.M.; SIMON, A.P.; ORSI, M L.; OLIVEIRA, I.J. Geomorfologia e turismo no município de Pirenópolis (GO). **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 12, n. 37, p. 73-84, 2011.

GODINHO, R.G. **A interpretação do patrimônio ambiental de Pirenópolis**. 2012. 130 f. Dissertação (Programa de Pós – Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2012.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. **Dados de classes socioeconômicas**. 2008. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: julho 2013.

LADEIRA, A.S.; RIBEIRO, G.A.; DIAS, H.C.T.; SCHAEFER, C.E.G. R.; FILHO, E.F.; FILHO, A.T.O. O perfil dos visitantes do Parque Estadual do Ibitipoca (PEIb), Lima Duarte-MG. **Revista Árvore**, Viçosa, v.31, n.6, p.1091-1098, 2007.

LEMES, M.T.; NUNES, J.R.; NUNES, P.A.; OLIVEIRA, S.S. Contribuição do Ecoturismo e Educação Ambiental em um balneário localizado no município de Nobres (MT). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.7, n.1, fev 2014/abr, 2014, pp.151-167.

LOUREIRO, C.F.B.; AZAZIEL, M.; FRANCA, N. **Educação ambiental e gestão participativa em unidades de conservação**. Rio de Janeiro: Ibase - Ibama, 2003.

LOUREIRO, C.F.B.; CUNHA, C.C. Educação Ambiental e gestão participativa de Unidades de Conservação: Elementos para se pensar a sustentabilidade democrática. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. XI, n. 2, p. 237-253, 2008.

MACEDO, R.L.G.; MACEDO, S.B.; VENTURIN, N.; ANDRETTA, V.; AZEVEDO, F.C.S. **Pesquisas de percepção ambiental para o entendimento e direcionamento da conduta ecoturística em unidades de conservação**. 2000. Lavras: Universidade Federal de Lavras – Departamento de Ciências Florestais. Disponível em <<http://www.physis.org.br/ecouc/Artigos/Artigo50.pdf>>. Acesso em: 15 agosto 2013.

MALTA, R.R.; COSTA, N.M.C. Gestão do uso público em Unidade de Conservação: a visitação no Parque Nacional da Tijuca – RJ. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 273-294, 2009.

NEIMAN, Z.; SARACENI, R.F.; GEERDINK, S. Levantamento quali-quantitativo da produção científica sobre Ecoturismo no Brasil. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 528-555, 2010.

NIEFER, I.A. Análise do perfil dos visitantes das ilhas de Superagui e do Mel: marketing como instrumento para um turismo sustentável. 2002. **Tese** (Doutorado em Engenharia Florestal) – UFPR, Curitiba, 2002.

PEREIRA, R. C. M. **O impacto do turismo na identidade local um estudo de caso** – Pirenópolis – Goiás. 2003. 53 f. Monografia (Pós-Graduação em Turismo) - Universidade de Brasília, Brasília. 2003.

PINTO, J.B.; ANDRADE, J.R.L.; SILVA, C.E. Possibilidades de desenvolvimento do ecoturismo na Área de Proteção Ambiental Moro do Urubu, Aracaju, (SE). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 42-61, 2008.

REBOLLAR, P.M.; Educação Ambiental e os termos meio ambiente e impacto ambiental na visão de alunos do ensino superior da região da grande Florianópolis – SC. **Biotemas**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 173-180, 2009.

R DEVELOPMENT CORE TEAM. **R**: a language and environment for statistical computing. Vienna, 2007. Disponível em:< <http://www.r-project.org/> >. Acesso em: junho 2013.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. São Paulo:Brasiliense, 1991, 63p.

RODRIGUES, G.B.; AMARANTE-JUNIOR, O.P. Ecoturismo e conservação ambiental: contextualizações gerais e reflexões sobre a prática. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 142-159, 2009.

SANTOS, M.L. Florística e biologia reprodutiva de espécies de Melastomataceae no Parque Estadual da Serra de Caldas Novas e Parque Estadual da Serra dos Pirineus, Goiás. 2003. 159 f. **Tese** (Doutorado em Ecologia) - Universidade de Brasília, Brasília. 2003.

SILVA, B.C.; SILVA, M.C. O (Eco)turismo em Pirenópolis, Estado de Goiás: indutor do desenvolvimento local. **Athena – Revista Científica de Educação**, Curitiba, v. 9, n. 9, p. 31-40, 2007.

SILVA, B.C.; SILVA, M.C.; CAIXETA, J.C. Demanda turística e desenvolvimento em Pirenópolis-Goiás. SEMINÁRIO SOBRE SUSTENTABILIDADE, 3, Curitiba. **Resumos...** Curitiba: Seminário sobre sustentabilidade, 2008(a). p.1-13.

SILVA, B.C.; SILVA, M.C. Pirenópolis - Go: Crescimento da Malha Urbana e Atividades Turísticas. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 9, n. 27, p. 99 - 115, 2008(b).

SILVA, B.C.; SILVA, M.C. Demandas turísticas, crescimento da malha urbana e dos problemas sócio-ambientais em Pirenópolis, Estado de Goiás, decorrentes da proximidade com Brasília-DF. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 9, n. 2, p. 367 - 381, 2011.

SIMIQUELI, R.F. Perspectiva para a conservação do Parque Estadual do Ibitipoca- MG: participação social, avaliação, manejo e percepção ambiental. 2008. 158 f. **Dissertação** (Mestrado em Ecologia Aplicada ao Manejo e Conservação dos Recursos Naturais) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2008.

SOARES, B.R.; BESSA, K.C.F.O. As novas redes do cerrado e a realidade urbana brasileira. **Universidade Federal de Goiás: Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia, ed. UFG, p. 11-34, 1999.

SOARES, M.C.C.; BENSUSAN, N.; FERREIRA NETO, P.S. **Entorno de unidades de Conservação**: estudo de experiências com unidades de conservação de proteção integral. Rio de Janeiro: Funbio, 2002.

SOBRINHO, F.L.A. Turismo e dinâmica territorial no eixo Brasília-Goiânia. 2008. 447 f. **Tese** (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2008.

SONAGLIO, K.E. A transdisciplinaridade no Processo de Planejamento e Gestão do Ecoturismo em Unidades de Conservação. 2006. 227 f. **Tese** (Doutorado em Engenharia Ambiental) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2006. Disponível em <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PGEA0266.pdf>>.

SOUSA, R. G.; SANTOS, M. L. Percepção ambiental dos usuários da Fazenda Santa Branca Ecoturismo (APA – Ribeirão João Leite), Teresópolis (GO). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 460-477, 2010.

SPINOLA, C. A. Ecoturismo em espaços naturais de proteção integral no Brasil: o caso do parque nacional da chapada diamantina Bahia. 2005.460 f. **Dissertação** (Programa de Doutorado em Análise Geográfica Regional Biênio 1998-2000) – Universidade de Barcelona, Barcelona. 2005.

VAZ, D.M.S. Perfil dos visitantes do Parque Natural Municipal do Açude da Concórdia – Valença (RJ). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 109-120, 2010.

Raquel Gonçalves de Sousa: Escola Estadual Padre Matias Lobato, Divinópolis, MG, Brasil.

E-mail: kel_uegbio@hotmail.com.

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8634125106707602>

Victor Hugo Almeida Nunes: Escola Estadual Vicente Mateus, Divinópolis, MG, Brasil.

E-mail: vitubiohugo@gmail.com.

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3914338497174214>

Mirley Luciene dos Santos: Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, GO, Brasil.

E-mail: mirley.santos@ueg.br.

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4037739389334742>

Data de submissão: 14 de janeiro de 2015

Data de recebimento de correções: 05 de maio de 2015

Data do aceite: 05 de maio de 2015

Avaliado anonimamente